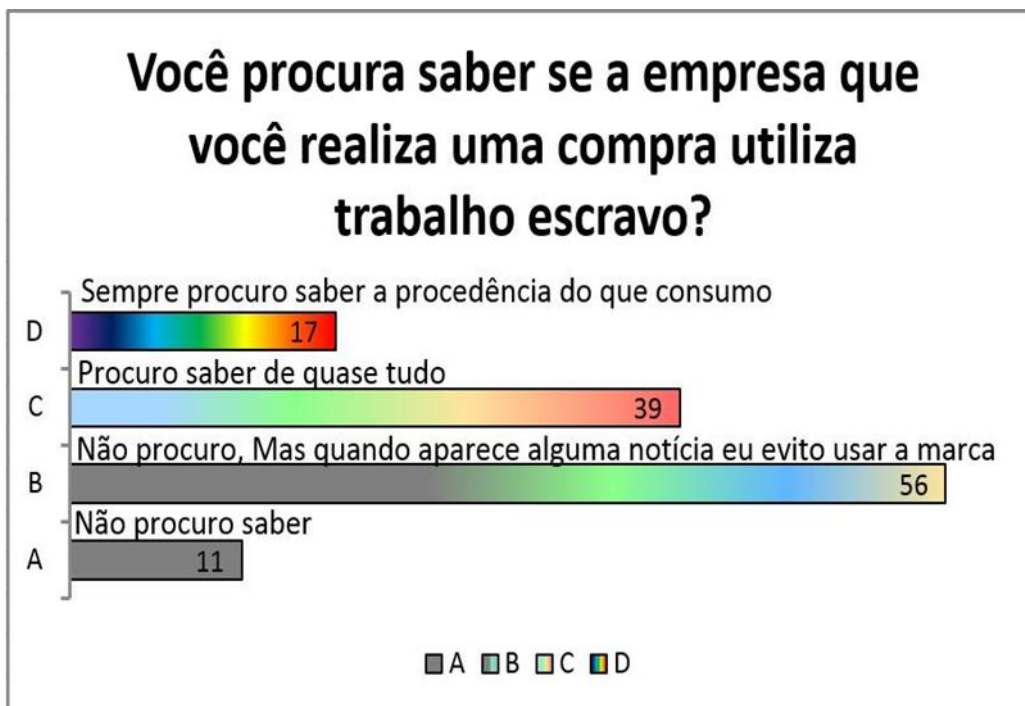


**Análise da questão- Você procura saber se a empresa que você realiza uma compra utiliza trabalho escravo?**

Voltamos à análise dos resultados das questões destacadas relacionadas ao grau de compreensão de todo o ciclo de produção/consumo e de seus múltiplos impactos socioambientais dos associados da Rede Ecológica.

Agora com um olhar sobre os resultados da questão "Você procura saber se a empresa que você realiza uma compra utiliza trabalho escravo? "



Essa questão dialoga diretamente com a última questão analisada "Você pesquisa as práticas e procedência das matérias primas das lojas de onde compra roupas, sapatos e objetos?". Só que põe foco nas relações de trabalho envolvidas no desenvolvimento dos produtos que consumimos, dentre dos quais incluem-se os produtos primários.

Com isso, ao analisarmos a Rede Ecológica como todo, verifica-se que a maioria ainda se aproxima das práticas de consumo relacionadas à categoria epistemológica-política de *agronegócio*, assim como na última questão.

Dos 123 associados que responderam ao questionário, 67 se situam em A e B, o que corresponde, aproximadamente, 54% do total. Verifica-se, contudo, que esse percentual cai 10% quando comparado à última questão analisada (64%).

**Você procura saber se a empresa que você realiza uma compra utiliza trabalho escravo?**

NÚCLEO	CONCEITO NÚCLEO
NOVA IGUAÇU	2,1 BC
VARGEM GRANDE	2,6 BC
GRAJAÚ	2,8 BC
SANTA TEREZA	2,4 BC
CAMPO GRANDE	2 CD
HUMAITÁ	2,8 BC
DUQUE DE CAXIAS	2,7 BC
URCA	2,6 BC
SÃO JOÃO DE MERITI	2,5 BC
NITERÓI	2,4 BC



Ainda quando analisamos as diferenças entre os Núcleos, verifica-se que todos, com exceção de Campo Grande, localizam-se em processo de transição das práticas relacionadas ao *agronegócio* à *agroecologia*. Os resultados do Núcleo Campo Grande, por sua vez, se aproximam das características relacionadas à categoria epistemológica-política da *agroecologia*.

Essa questão, assim como as duas últimas já discutidas, busca enfatizar a relação da nossa pegada ecológica com às nossas práticas de consumo cotidianas e, conseqüentemente, aos múltiplos impactos socioambientais associados à estas.

Colocam em foco a importância de **conhecermos**, antes de tudo, todo o ciclo de produção/consumo dos produtos que consumimos. O que inclui conhecermos não apenas as relações sociedade-natureza estabelecidas no processo desde a escolha da matéria-prima ao descarte de um determinado produto, mas fundamentalmente as relações de trabalho e de consumo envolvidas de um homem (grupo social) com o outro.

Novamente, os resultados dessa questão pode estar no fato desta extrapolar as práticas de consumo que se relacionam diretamente às da Rede Ecológica.

Mais uma vez pode indicar ainda, entre os associados, uma preocupação mais individualista específica ao consumo de alimentos sem agrotóxicos e/ou uma alienação sobre os mais diversos impactos socioambientais de todo o processo de produção/consumo que podem nos afetar direta e/ou indiretamente.

Por outro lado, o peso do "trabalho escravo" influenciou nos resultados - como da Rede Ecológica como um todo, como entre os Núcleos- desta questão quando comparados à última analisada. Essa diferença pode estar relacionada às denúncias que associaram determinadas empresas às práticas de trabalho escravo e subalternizado nesses últimos anos e que ganharam certa "evidência" em alguns meios de comunicação e nas discussões de determinados coletivos sociais. Pode significar, em outras palavras, um **maior conhecimento** sobre esse ponto em específico de parte dos associados da Rede Ecológica.

Mais uma vez, o objetivo desses resultados é nos provocar para que possamos refletir, enquanto coletivo social, o quê nos distancia das práticas agroecológicas e como podemos nos aproximar delas?

A partir da análise dessas três questões, é importante que esse (re)pensar das práticas se dê tanto no campo individual, dos Núcleos, como de todo o movimento social (Rede Ecológica) e que estimule uma troca de saberes/fazeres entre os integrantes, núcleos e os mais diversos coletivos sociais.

Grifa-se, neste sentido, que esse (re)pensar se inicie na busca *pelo* e na troca de **conhecimento** (s) sobre os múltiplos impactos socioambientais dos produtos que consumimos diariamente.